



Pressão social e familiar continua a condicionar o futuro da juventude moçambicana



Somos o melhor parceiro audiovisual
Disponos os seguintes serviços: i) **Consultoria Multimédia**; ii) **Assessoria de Imprensa**; iii) **Produção Audiovisual**.

ANUNCIE CONNOSCO
E-mail: comercial@hojeemmocambique.org

Descentralização em Moçambique

Mais de 500 salas destruídas no âmbito da passagem do ciclone Chido em Mecúfi foram reabilitadas



©Hoje em Moçambique: Uma das escolas inauguradas

Durante a passagem do ciclone no distrito de Mecúfi, província de Cabo Delgado, várias infra-estruturas públicas e privadas, assim como diversas residências, foram destruídas, deixando assim várias famílias sem casas e obrigando alunos a estudar debaixo das árvores (apesar de este já ser um problema antigo).



Valige Tauabo, Governado da província de Cabo Delgado

Face a este cenário, o Conselho Municipal, em colaboração com a Fundação Mozambique LNG, procedeu na última terça-feira (12) à inauguração de pouco mais de 500 salas de aula, blocos administrativos e sanitários reabilitados em seis escolas, sendo três (03) no distrito de Mecúfi e igual número na cidade de Pemba, onde outras escolas continuam em processo de reabilitação, todas elas destruídas pela passagem do ciclone CHIDO.

Esta iniciativa insere-se num esforço mais amplo, no âmbito da parceria entre o Governo de Cabo Delgado e a Fundação Mozambique LNG, visando apoiar o desenvolvimento da província e garantir à população o acesso a serviços essenciais, como a educação e a saúde.

Satar Abdulgani, Presidente do Conselho Municipal, afirmou que a passagem do ciclone CHIDO condicionou o aproveitamento pedagógico dos

alunos. “Depois da passagem do ciclone CHIDO, sentimo-nos desesperrados porque os nossos recursos eram escassos. Algumas crianças só frequentavam a escola uma vez por semana, pois tinham de partilhar as salas de aula, o que prejudicava a qualidade da educação.”

O Governador da província de Cabo Delgado, Valige Tauabo, reconheceu o papel da fundação no desenvolvimento da província. “Para o Conselho Executivo Provincial, o vosso gesto traduz o interesse que os nossos parceiros da fundação têm em apoiar o governo e a população em ações de assistência e proteção social, bem como de desenvolvimento.”

O representante da Fundação Mozambique LNG, durante a sua intervenção, reiterou o compromisso da instituição em apoiar a população com serviços essenciais. “A reabilitação destas escolas é uma prova do nosso compromisso comum em garantir que as crianças tenham acesso a ambientes organizados, seguros e adequados. A fundação continuará a apoiar os esforços para assegurar que as crianças possam estar nas escolas.”

Por: ÂNGELA TAUABO

As bolas do camarada Sidat não aguentaram cinco minutos

Crónica de um desempenho precoce e de um investimento que não chegou ao clímax

Em Chimoio, o cenário estava montado para uma manhã de entusiasmo juvenil e de pontapés certos. O Presidente da Federação Moçambicana de Futebol, Faizal Sidat, surgiu em grande estilo, trazendo consigo mil bolas escolares, parte de um lote de 45 mil, avaliadas em 90 milhões de meticais. Um gesto que, à primeira vista, parecia viril e generoso. Mas bastaram cinco minutos para que tudo se esvaziasse.



TV Sucesso: As referidas bolas, avaliadas em 90 milhões de meticais

Os instantes iniciais pareciam mais um pré-treino, preliminares de ocasião, do que um jogo propriamente dito. Os miúdos, convictos de que desta vez chegariam ao auge, aquele clímax traduzido em vibração e festejos após um golo, viram-se traídos. Cada bola que cedia era uma comemoração abortada, uma festa que nunca chegou a acontecer.

As bolas começaram a ceder, a rasgar-se, a perder ar; e não foi por excesso de uso, mas por falta de resistência. Uma performance precoce que deixou os alunos frustrados e os campos pejados de promessas murchas. O tempo médio de durabilidade esperado era de 90 minutos, o equivalente a um jogo completo. Mas estas bolas nem ao intervalo chegaram. Mal entraram em campo, já estavam a pedir substituição.

Confrontado com as queixas, Sidat deixou escapar uma frase que rapida-

mente se tornou sátira nacional: “As minhas bolas são de alta qualidade, são Adidas.” Uma afirmação dita com convicção, mas que não resistiu ao primeiro toque. Porque não é o logótipo que garante prazer prolongado; é a consistência, a resistência, o acabamento.

Aliás, nem se sabe se a própria Adidas reconhece aquelas bolas. A semelhança com as declarações de criminosos envolvidos em escândalos é desconcertante: “Nós distanciamos-nos das



Faizal Sidat, Presidente da Federação Moçambicana de Futebol

declarações dele e não nos responsabilizamos.” Se a marca falasse, talvez dissesse o mesmo, com um ligeiro embaraço institucional.

E aqui reside o verdadeiro problema: pelo investimento feito, os “clientes” esperavam bolas que aguentassem o jogo todo. Ainda mais depois da experiência passada, quando as bolas distribuídas eram mais firmes, mais duráveis, mais... satisfatórias. Esta entrega, pelo contrário, revelou-se um fiasco precoce, um acto que começou com entusiasmo e terminou em frustração colectiva.

As bolas do camarada Sidat não falharam apenas no material; falharam na expectativa, no compromisso, no impacto. E quando até o desporto escolar se converte em palco de promessas que não duram cinco minutos, talvez seja hora de rever os contractos e os desempenhos.

Por: ERNESTO TIMBE

No País

Pressão social e familiar continua a condicionar o futuro da juventude moçambicana

Nos últimos anos, a pressão social tem sido um problema que tem levantado debate entre a sociedade civil e diversas entidades governamentais e não governamentais, por ser uma situação que afecta directamente a camada juvenil em diferentes pontos do país.

Com a juventude representando uma parte significativa da população moçambicana, os desafios que esta enfrenta no seu dia a dia em torno deste problema tendem a aumentar cada vez mais, facto que tem contribuído negativamente para o bem-estar e para a escolha de caminhos futuros (sonhos e oportunidades).

Dentre os factores constatados pela nossa equipa de reportagem, incluídos na pressão social, encontram-se as uniões prematuras e as responsabilidades inadequadas atribuídas aos jovens antes de atingirem uma idade sustentável, como é o caso de trabalhar ainda com 16 anos de idade para sustentar a família e outras pessoas próximas.

Em entrevista, Jackson Fernando, jovem de 20 anos de idade e residente no distrito de Monapo, província de



Jackson Fernando, jovem



@Hoje em Moçambique: Entre obstáculos e conquistas

Nampula, revelou que a negligência familiar pode ter efeitos graves. Por exemplo, há dois anos, Jackson tentou sensibilizar a sua família a não permitir que a sua sobrinha fosse envolvida em uniões prematuras. Contudo, por falta de atenção e cuidado, as consequências acabaram por acontecer: “quando falei para a minha família eles não aceitaram; depois de a terem obrigado a casar, ela engravidou e, após o parto, teve fístula obstétrica” – afirmou Jackson.

Enquanto a juventude sonha e traça objectivos que em algum momento poderão contribuir positivamente, a realidade mostra que continuam a enfrentar desafios profundos, como a constante pressão social e familiar, que condiciona decisões e compromete o seu bem-estar.

As influências familiares na prática de actos ilícitos fazem parte de outros pilares da pressão social, e a maior parte dos jovens moçambicanos lida com estas situações diariamente. Mira Nelete, jovem residente de Monapo, é exemplo disso: “a comunidade tem exigido às raparigas que casem cedo e, nesse casamento, tenham muitos filhos

para garantir que os nossos pais tenham netos e netas. Diante disso tudo, acho que é uma pressão sobre as raparigas, é necessário que haja liberdade” – afirmou Nelete.



Mira Nelete, jovem

Em muitos lares moçambicanos, com destaque para o distrito de Monapo, ainda persiste uma visão tradicional sobre o papel dos filhos, especialmente quanto às expectativas relacionadas com a carreira, o casamento precoce e o respeito às normas culturais. Muitos jovens são

forçados a seguir profissões impostas pelos pais, ignorando os seus talentos e paixões, como explica Hélio Manhique, psicólogo docente.

“Se formos a prestar atenção, hoje em dia os jovens tendem a seguir certas personalidades escolhidas pelos pais e encarregados de educação, per-



Hélio Manhique, Psicólogo Docente

sonalidades nacionais e internacionais que apresentam estilos de vida diferentes, maneiras de estar diferentes. Diante disso, há um dilema: a comunicação entre que tipo de pai deve ser e que tipo de filho deve ser não existe, razão pela qual é difícil sanar este tipo

O cenário de Monapo, em relação à pressão social que afecta principalmente o jovem, com destaque para as uniões prematuras, parece ser do conhecimento dos pais e encarregados de educação, como revela Adamo Selmane, residente há mais de 20 anos no distrito.

“É preocupante ver as nossas comunidades obrigarem os seus filhos a seguir os caminhos escolhidos pelos pais. O correcto é deixar os nossos filhos desenvolverem actividades que possam ajudá-los amanhã. Se a actividade não for boa, aí sim podemos aconselhá-los a não seguir esse camin-

hos escolhidos pelos pais. O correcto é deixar os nossos filhos desenvolverem actividades que possam ajudá-los amanhã. Se a actividade não for boa, aí sim podemos aconselhá-los a não seguir esse caminho” – explicou Adamo.

Para além das normas sociais que pesam sobre os jovens moçambicanos, a questão do custo de vida preocupa igualmente a sociedade civil. Aceitar certas imposições pode representar um prejuízo, como explica o activista social Benone Mateus.

“Em algum momento, nós precisamos ser livres e tomar as nossas próprias decisões, evitando seguir apenas o que as pessoas querem para nós. Por exemplo, este caso do casamento: casar é uma decisão pessoal, não podemos aceitar que outrem decida por nós. Em tudo isso coloca-se uma questão: será que a pessoa que está a obrigar a outra é quem vai sustentar o lar?” – questionou o activista.

Em meio a tantas incertezas, o activista Benone destaca a auto-estima como um factor essencial na vida dos jovens, numa altura em que a liberdade, compreensão e acompanhamento eficaz são factores que podem contribuir para



Benone Mateus, Activista social

o bem-estar da juventude e para mudanças sociais e comportamentais das comunidades.

Tal como muitos outros jovens da província de Nampula, em particular do distrito de Monapo, Rachide Horácio, residente no bairro Manhaua, cidade de Quelimane, província da Zambézia, afirma enfrentar a pressão de sustentar a família financeiramente.



Rachide Horácio, jovem

“Quando eu estudava, pensava que seria professor ou enfermeiro, mas depois o meu irmão disse-me para seguir outros caminhos, e as coisas não correram bem, porque não era o que eu queria. Hoje estou meio fechado, não há trabalho, não há nada para sustentar a família” - afirmou Rachide.

Em meio às dificuldades enfrentadas pela juventude moçambicana, o diálogo e a planificação, entre outros factores, são apontados como mecanismos fundamentais para combater este mal que afecta esta camada social.

Por outro lado, devido à exigência ou mesmo obrigação que os jovens enfrentam diariamente, alguns precisam do apoio de psicólogos para ultrapassar as suas dificuldades.

Um caso concreto é o de Dilma Coelho, que viu os seus dias serem aterrizados quando frequentava a 10ª classe. “Quando o meu colega de escola me engravidou, os meus pais começaram a rejeitar-me, e na altura nem sequer falavam comigo. Foi então que fui ao hospital, fiz consultas com psicólogos, sessões de terapia, porque não estava bem” – contou Dilma, e acrescentou ainda que, os pais e encarregados de educação e a sociedade em geral, deve pautar por acções justas que beneficiem os jovens e os pais.



Dilma Coelho, jovem

De referir que a intervenção rápida do Estado, das famílias e da sociedade em geral sobre esta situação que afecta directamente a juventude é crucial. Há necessidade de que estas entidades e a sociedade em geral reensem o seu papel na construção de oportunidades para os jovens, criando incentivos reais e políticas eficazes, de modo a dar voz à juventude para o progresso sustentável do país.

Por: CAMANETE AGOSTINHO

Terrorismo de Cabo Delgado

Arcebispo de Nampula diz que Moçambique precisa de um diagnóstico para combater os males que afectam o país



©Hoje em Moçambique: Dom Inácio Saúre, Arcebispo de Nampula

Desde meados de 2017, a província de Cabo Delgado vem enfrentando a questão do terrorismo, uma situação que contribuiu para a perda de milhares de vidas humanas e que, actualmente, continua a levantar debates na sociedade em geral, em particular nas congregações religiosas.

Face a este cenário, o Arcebispo de Nampula, Dom Inácio Saúre, manifestou a sua preocupação em torno desta situação, que não só afecta a popu-

lação directamente abrangida por este mal, mas também a família moçambicana no seu todo.

Durante o seu pronunciamento, Dom Inácio Saúre frisou, “desde 2017 até agora, pelo que eu saiba, parece não haver pistas que nos mostrem um futuro próximo com o fim desta realidade. Então, é um grande problema” – afirmou o Arcebispo, acrescentando que a situação se agrava ainda mais com o surgimento de diversas doenças, entre as quais mencionou a MPOX,

conhecida como varíola dos macacos.

Para além da falta de perspectivas no combate a este mal em Cabo Delgado, Dom Inácio destacou ainda que Moçambique precisa de um diagnóstico profundo para descobrir a origem dos problemas que afectam o país, em particular esta província de Cabo Delgado, e só depois traçar mecanismos que visem a sua solução. “Seria preciso encontrar quem ajude os moçambicanos a diagnosticar verdadeiramente a causa destes males que enfermam o país e, uma vez

descoberta a causa, procurar o medicamento apropriado para atacar estas doenças e curá-las” – frisou o Arcebispo de Nampula.

Por outro lado, Dom Inácio Saúre acredita que, com o diálogo e a reconciliação entre as partes envolvidas nestes males que assolam o país nos últimos anos, será possível devolver a paz de que a população moçambicana tanto necessita.

Por: CAMANETE AGOSTINHO